

A PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA (*)

Alfredo Bosi

Eu tinha pensado em apresentar o curso de pós-graduação em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo de modo que talvez pudesse valer para outros tipos de pós-graduação. Por isso, esta exposição vai jogar com o geral e o particular, isto é, vai pensar sempre em termos de objetivos da pós-graduação como um todo e descer à exemplificação da Literatura Brasileira nos casos necessários.

Dividi esta exposição em quatro itens: O primeiro dirá respeito aos objetivos da pós-graduação em geral. O segundo, à composição ou estrutura do curso de pós-graduação, isto é, qual seria a composição do programa de pós-graduação, no caso de Literatura Brasileira. Num terceiro momento falarei alguma coisa dos métodos de pós-graduação. Finalmente, no quarto item, falarei sobre as possibilidades da pós-graduação, mesmo fora de Literatura Brasileira. E para os debates ou para as perguntas, eu gostaria que se pudesse respeitar estes itens, para que eu fizesse pontos de referências mais precisos no momento da resposta: objetivos, composição, métodos e possibilidades da pós-graduação.

Quanto aos objetivos, parece-me que são dois. A pós-graduação visa a preparar o pessoal universitário habilitado e visa também a formar pesquisadores de alto nível. Temos o pessoal docente e temos também os pesquisadores. Mas até o momento, os professores pesquisadores da Universidade de São Paulo e das demais universidades de São Paulo, estão inteiramente assoberbados de trabalhos didáticos, e o tempo que sobra para as pesquisas é muito pouco. Então, o pesquisador

(*) Texto constituído a partir das gravações, sem revisão do Autor.

solitário atualiza-se como pode com a bibliografia. Se tem a felicidade de ser bem dotado pela natureza, ou produz alguma coisa nova ou então se tem a sorte de sair do país, conhece alguma bibliografia atual, mas não se pode dizer que seja a universidade que lhe dê essas possibilidades; é sempre um esforço individual, até agora tem sido assim. Creio que a pós-graduação visa justamente a suprir isto, a dar alguma coisa a essas pessoas que podem produzir, mas que nas condições atuais não conseguem ir além de dar boas aulas, o que aliás já é muito. Seja como for, a pós-graduação objetiva realmente contribuir para a formação do pessoal docente e do pesquisador de alto nível, sem sobrecarregar essas pessoas de um esforço pessoal. Ora, porque a pós-graduação quer ser uma atividade de preparação de professores e de pesquisadores de alto nível, ela não pode ser considerada um curso de aperfeiçoamento, um curso de especialização. Aqui realmente acho que nós chegamos na Universidade de São Paulo a um consenso a respeito do nível da pós-graduação. É preciso distinguir entre um curso de aperfeiçoamento, um curso de especialização e um programa de pós-graduação. Até agora demos cursos de especialização. Eles, na verdade, deram alguns frutos, mas se esgotaram naquele ano de preparação. Ao passo que se nós montarmos um currículo pleno, um currículo completo de pós-graduação em que as matérias básicas, as matérias complementares sejam dadas em nível superior, então realmente estaremos formando uma geração de professores dos professores, isto é, estaremos formando uma nova plataforma na universidade brasileira, que corresponde simetricamente ao curso de graduação, que forma professores do curso médio. É claro que há sempre a alternativa de pesquisa e da graduação individual, pois nem todos têm a vocação e as possibilidades de efetivamente serem professores universitários. Mas enfim, há em algumas áreas a margem ampla de pesquisa. E como se sabe, só um curso de pós-graduação é que pode preparar pesquisadores. Eu acho que isto é outro ponto pacífico: a pós-graduação é a solução da pesquisa no Brasil, dentro da universidade. Isto em oposição àquilo que sempre houve e de que nós absolutamente não estamos isentos que é o autodidatismo. Tenho muito respeito pelos autodidatas, e acredito que nós de forma alguma deveríamos caminhar para um tipo de universidade que não olhasse com menoscabo os autodidatas. No campo específico da Literatura Brasileira, quanto não devemos a uma Lúcia Miguel Pereira, a um

Augusto Maia, a um Agripino Grieco, a um Cavalcante Proença, a um Mário da Silva Brito! Seria muito lamentável que desaparecessem os autodidatas; na verdade, muitas vezes eles dão um pouco de trabalho para a gente, na medida que são pessoas muito apaixonadas, muito categóricas, pessoas que se apaixonaram por um tema só, e acreditam que só aquilo seja importante. Também em geral eles improvisam, mas isso acontece igualmente nas universidades. Até o presente momento as teses de doutoramento, que são uma prova palpável da pesquisa universitária, representam exclusivamente o talento individual dos candidatos. É rara a universidade que conta com corpo de professores que possa apoiar efetivamente uma tese de doutoramento e acompanhá-la desde o princípio. Acredito que a pós-graduação tenha como um dos objetivos justamente o de criar condições para que o trabalho de pesquisa não seja mais o resultado do talento individual, ou da fortuna do candidato, mas que realmente ela seja um instrumento democrático, um instrumento liberal de abertura a todos os que queiram pesquisar, que queiram pensar. Isto é muito importante na medida em que nações como a nossa acabam tendo uma idéia falsa de uma elite intelectual. A elite tem que vir por si própria, através do esforço de gerações; não deve ser uma construção imposta pelas limitações da sociedade. No caso específico da literatura brasileira, pode-se dizer que tudo está por fazer na linha da pós-graduação, descontados os esforços individuais dos escritores e críticos. Há muitas áreas que estão à espera de pesquisadores e quase se poderia dizer que na literatura brasileira acontece alguma coisa como na historiografia brasileira. Capistrano de Abreu dizia que a História do Brasil tinha a fragilidade de um castelo de cartas; visto de longe, o conjunto era imponente, mas bastava aproximar-se um pouco e roçar naquela construção e tudo ruiria, tal a falta de documentação, tal a falta de lições críticas, tal a falta de interpretações idôneas. Na literatura brasileira há ainda muita coisa a fazer, há muitos textos a serem simplesmente reeditados, há toda uma literatura da época colonial, que só agora está conhecendo revisões e edições lúcidas. Há um número muito grande de revistas do modernismo e mesmo anteriores, que poderiam ser reestudadas, pois as conhecemos quase só de nome. As revistas do modernismo estão sendo agora estudadas no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, em teses de mestrado. Nos cursos básicos isso não se poderia fazer. Os cursos básicos são cur-

sos de comunicação, de transmissão daquilo que já se conhece. O professor de curso básico procura expor o que já é sabido. Dificilmente pode inovar quanto ao conteúdo; para inovar ele precisa pesquisar, precisa ter condições e essas condições não são dadas no curso básico. Então é um círculo vicioso que acaba realmente desgastando muito o professor universitário sério, que percebe, depois de alguns anos, que ele está se repetindo. Então, aquilo que ele sempre criticou nos professores mais velhos, no fundo acaba sendo a sua fatalidade. Ele não tem tempo de renovar-se ou de pesquisar, e a cultura que manipula é a cultura de todos, enfim é a cultura transmissível. Ora, se isto é fatal do curso básico, a única solução só pode ser dada fora daí, portanto, na pós-graduação.

Eu falei de áreas na literatura brasileira, que poderiam ser revistas; pensemos mesmo em nossos grandes poetas, um poeta como Gregório de Matos, poeta fundamental para o conhecimento do barroco. Recentemente saiu uma edição na Bahia da obra de Gregório de Matos, vários volumes publicados pela Janaína Editora. Ora, não vou entrar no mérito dela, não fiz uma análise e para isso precisaria cotejá-la com as outras edições. Mas por coincidência num concurso de livre docência na Universidade de São Paulo, feito com muito brilho, aliás, pelo Professor Carlos Garbuglio, o texto de aula foi a análise de um soneto de Gregório de Matos. Então ele, muito escrupuloso, procurou nas vinte e quatro horas que precediam o exame levantar o melhor texto daquele soneto, que corria, aliás, em várias antologias. E durante a aula ele nos expôs a nós, perplexos, que estávamos aceitando as últimas edições de Gregório de Matos como primeira prova filológica de exaço e de boa lição, que entre o texto da editora Janaína e o texto de Afrânio Peixoto (que nunca primou pela perfeição bibliográfica) havia oito diferenças! Oito diferenças de linguagem, de pontuação, de leitura, num único soneto de Gregório de Matos! Em geral, pelo que ele expôs, a última edição era bem pior do que as anteriores, isto é, a edição que deveria ser definitiva, era bastante inferior como exatidão às edições publicadas pela Academia Brasileira de Letras, em circunstâncias menos favoráveis, em que a Filologia no sentido de edótica ou de crítica, não tinha chegado ao ponto a que deveria ter chegado hoje. Então vejam como nós não podemos confiar nas chamadas últimas edições de obras completas e de autores já clássicos. Quem poderia realmente fazer isso, quem poderia rever as edições? Equipes de pós-graduação, professc-

res que acolham por mestrado alguma coisa técnica, alguma coisa modesta, que é a leitura de um poeta do ponto de vista filológico, sem falar naturalmente naquilo que é ambição maior, que é a reinterpretação de toda a literatura brasileira, através enfim dos métodos que ela possa apresentar com a Sociologia, com o Folclore, com as demais artes e assim por diante. Mas enfim, naquilo que é o material básico sobre o qual trabalhamos, há tanto o que fazer. E realmente só se poderá fazer isso em nível de pós-graduação. É pensando em tudo isso, pensando na necessidade de preparar, de habilitar realmente os alunos, que se impõe uma estrutura, que passo agora a expor.

O ideal realmente é criar uma pós-graduação em que haja uma grande diversificação de matérias complementares. Eu acredito que já tenha sido exposto pelos professores que me precederam o esquema da pós-graduação, de toda pós-graduação, o esquema segundo o qual existe um núcleo na área de concentração, no caso seria a área de concentração em Literatura Brasileira, e uma constelação de áreas e de matérias complementares. Na Universidade de São Paulo todos nós professores de pós-graduação recebemos o elenco de centenas de disciplinas, e no caso específico das Ciências Humanas e Letras, de dezenas de disciplinas que eventualmente interessarão como complementares. E como se faz a escolha dessas matérias? Não se pode compor um currículo único, rígido. O que se deve fazer é sondar o interesse do pós-graduando. Então vemos que um aluno de pós-graduação inscrito e aceito, que esteja sobre minha orientação, diga que quer fazer uma edição de Augusto dos Anjos; este é um exemplo real. Já que o objetivo vai ser este, então eu, em comum acordo com o candidato, devo indicar certas matérias complementares que lhe dêem a formação específica. Felizmente a Universidade de São Paulo conta com o Professor Segismundo Spina, que dá aula de Edótica, matéria que ele deverá cursar. Isto vem demonstrar que é essencial que o pós-graduando tenha em mente algum tema de sua preferência, quando se apresenta à entrevista de pós-graduação. Ele não pode dizer que gosta de tudo. Já que é necessário escolher, selecionemos aqueles que já têm em mente alguma coisa. Não é preciso que tenham uma pesquisa pronta na cabeça, mas que tenham certa preferência, e que nos quatro anos de Letras tenham mostrado que preferem a relação entre Literatura e Sociedade, ou a relação entre Literatura e Folclore, ou tenham certo

gosto pela Estilística ou pela Métrica, ou pela Historiografia Literária, etc. O seu currículo será montado em torno desta preferência. Não há um currículo a não ser na área de concentração. E a área de concentração conta com três ou quatro professores que darão os seus cursos. São três ou quatro doutores em Literatura Brasileira, que durante dois anos se revezarão e darão seus cursos. Estes cursos são monográficos, necessariamente no caso de Literatura Brasileira. Apenas para exemplificar, haverá um semestre de curso sobre "Idéias Críticas" dado pelo Professor José Aderaldo Castelo, um semestre dado pelo Prof. Carlos Garbuglio, em torno do romance de Guimarães Rosa e eu entrarei no último semestre com um curso sobre a poesia de Jorge de Lima. Então nós temos poesia, romance e crítica. Isso corresponde talvez a 40% ou 35% dos créditos globais, que o aluno deve perfazer até o fim do curso. O mais importante é a pesquisa que ele vai fazer, aquela pesquisa que conduzirá ao mestrado. E do outro lado, as matérias complementares, que serão outros tantos semestres, que podem ser contemporâneos ao curso que ele deve fazer.

O mestrado não fica sendo um trabalho exaustivo, alguma coisa a mais, na medida em que as matérias do curso complementar auxiliarão os alunos a compor o mestrado ou o doutorado.

Particularizarei agora um pouco o curso de pós-graduação em literatura. Nós planejamos, além desses cursos básicos de crítica, poesia e romance, um semestre de leituras brasileiras básicas. Essa é uma idéia que nasceu na área da Sociologia e eu achei tão feliz que resolvi levá-la para as Letras. Supõe-se que o aluno, embora admitido em pós-graduação, seja um aluno de carne e osso, cheio de falhas, cheio de limitações, enfim, que os alunos não têm homogeneidade de cultura. Isto é uma verdade que não se pode ignorar. No caso das Ciências Naturais é fácil testar, vamos dizer, a amplitude dos conhecimentos de um candidato que faz Física ou Matemática; pelo menos creio que seja fácil. No caso das Ciências Humanas e das Letras, é bastante difícil de sondar, tanto o conhecimento como a ignorância do aluno. Então achei importante propor ao aluno de pós-graduação, antes de mais nada, a leitura de obras fundamentais de cultura brasileira. Antes de ele se abalar a fazer uma pergunta ou mesmo assistir aos cursos monográficos, ele deveria fazer um semestre que contaria naturalmente crédito, destas leituras que seriam básicas.

Trata-se de obras fundamentais em Sociologia, em História, Etnografia, em História Literária, em Folclore, obras clássicas, como: *As Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, *Interpretação do Brasil* de Gilberto Freire, *Formação de Literatura Brasileira* de Antônio Cândido, as partes teóricas da *Presença da Literatura Brasileira* de Antônio Cândido e Aderaldo Castelo, *A Geografia dos Mitos Brasileiros* de Câmara Cascudo, *As Narrativas Pias Populares* de Oswaldo Elias Xidieh, *O Caráter Nacional Brasileiro* de Joaquim Pereira Leite, *O Mandonismo Local na Vida Política Brasileira* de Maria Isaura Pereira de Queirós, *A Contribuição à História da Idéia no Brasil* de Cruz Costa, *A Teoria da História do Brasil* de José Honório Rodrigues e parte de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, as histórias literárias de Sílvio Romero e José Veríssimo, enfim, tudo isso que em geral se pressupõe que o aluno conheça. O método de leitura dessas obras é muito simples. Toda semana o aluno faz o fichamento de cada uma dessas obras; em cada semana o aluno faz o fichamento do essencial dessas obras e depois se faz um seminário livre em que os pós-graduandos apontam os problemas principais de cada um desses livros. Quer dizer, na verdade esse seminário é uma forma de controle da leitura. O fichamento é alguma coisa muito mecânica que pode não levar a repensar o livro. É uma forma de controle que acho necessária no caso, e também uma forma de abrir os horizontes. Cada uma dessas obras abre em leque o conhecimento do Brasil. Uma obra como a de Sérgio Buarque de Holanda faz repensar todo o Brasil Colonial, suas características étnicas e culturais de formação portuguesa e mestiça do Brasil. A obra de Gilberto Freire, *Interpretação do Brasil*, faz com que também se repense o problema de mestiçagem, e se verifique até que ponto ele é mesmo importante. As histórias literárias de Sílvio Romero, José Veríssimo e Antônio Cândido, fazem com que a gente pense no problema de metodologia; são obras de autores diferentes, de perspectivas diferentes e que naturalmente enriquecem e iluminam os aspectos diferentes do fenômeno literário.

Em suma, esse é um semestre que se podia chamar de cultura geral brasileira. Não é um semestre especializado e é bom que não seja, porque depois dele é que haverá muito tempo para estudar as coisas do ponto de vista monográfico. Então seria muito bom pensar sempre (isto é uma idéia, como eu disse, que obtive de empréstico a outro Departamento da Universidade) pensar sempre num primeiro semestre de lei-

turas bem gerais, qualquer que seja a disciplina, em leituras para que o aluno passe depois a trabalhar em determinado método, sabendo situar este método. Agora, por exemplo, está em voga o estudo estrutural. É claro que é um método feliz, sobretudo no momento da análise. Na interpretação ele rende pouco. Ora, um curso que se apoiasse exclusivamente na metodologia estruturalista poderia produzir uma raça muito perigosa de gente. Então é bom a gente situar esse todo entre tantos outros que têm outras pretensões e rendem outras perspectivas.

A mesma coisa ocorre em Literatura Brasileira. A Literatura Brasileira é uma espécie de terra de ninguém e todo mundo quer dizer alguma coisa; é muito bom levantar as características dos principais métodos. Enfim, produzir no aluno esta noção de continuidade histórica. Ele está pensando em Machado de Assis, ele tem que falar em Machado de Assis, mas atrás dele houve uma problemática, houve um pensamento maduro que será o seu ponto de referência. E como, voltando aos objetivos iniciais, queremos formar professores universitários e não especialistas mais ou menos estreitos, este curso é um verdadeiro contraveneno à idéia de especialização precoce. Depois virá a especialização, e esta pausa é necessária; nós vivemos num regime de divisão de trabalho, que podemos lamentar, mas que é realmente o clima em que estamos instalados. A vida toda do candidato será um caminho para maior especialização. Então, que pelo menos nesse semestre ele possa pensar com vagar noutras perspectivas.

Depois deste curso geral ele passa a ver os vários cursos monográficos e particulares. Há um sistema de crédito que eu não gostaria de debater aqui. Além de ser um assunto de contabilidade intelectual, seria penoso ver os créditos produzirem no aluno essa ânsia de chegar aos trinta, quarenta, cinquenta. Enfim, será uma coisa que rebaixa o trabalho intelectual. Mas enfim, nós não vamos fugir ao crédito porque a coisa já chegou pronta e a gente vai fazer o que é possível para abrigar um pouco este sistema. Uma das divergências que a matéria suscita é a quantidade de créditos a atribuir a certos tipos de trabalho.

Queria falar agora sobre as possibilidades que o curso tem em São Paulo. O curso exige uma grande sobrecarga de trabalho dos professores, e todos são professores também do curso

de graduação, onde há classes numerosas, de 200 a 300 alunos; quer dizer, não está montado de uma maneira satisfatória. Aqui realmente não dá para fazer propaganda, porque o curso é composto de pessoas que vivem também em função do curso de graduação. Não existe ainda o luxo, mas o luxo necessário, de dois currículos e dois corpos docentes. Então os professores vão se multiplicar, vão dar mais horas de trabalho, mas é necessário começar e começar bem. E quanto às perspectivas, eu acredito que em São Paulo, um dos pontos positivos é a existência do Instituto de Estudos Brasileiros. Ele não é um instituto ligado propriamente à Seção de Letras, aos vários departamentos que hoje constituem a Seção de Letras. O Instituto é separado, faz parte da Universidade, mas não tem nenhuma relação jurídica com os Departamentos de Letras Vernáculas Modernas, ou os Departamentos de Linguística e de Letras Orientais. É uma entidade que congrega todas as áreas de interesse brasileiro da Universidade. O conselho que dirige este Instituto é constituído pelo professor de Artes Brasileiras da Faculdade de Arquitetura, o de Economia Brasileira na Faculdade de Economia, o de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, e o de professor que dá História das Idéias no Brasil, qualquer que seja o instituto a que ele pertença. Enfim, é um instituto cuja finalidade é promover os estudos brasileiros em qualquer área. E felizmente houve doações generosas no início de sua carreira e também aquisições muito felizes, como a biblioteca de Almeida Prado, que foi um dos maiores especialistas em história colonial. Temos também a biblioteca de Mário de Andrade com mais de 17.000 volumes, com a sua discoteca e a sua pinacoteca já organizadas e fichadas. Essas duas bibliotecas e mais outros livros e revistas que estão sendo comprados dão a plataforma para os nossos pesquisadores. É possível realmente propor a um pesquisador, a um aluno que queira fazer o mestrado, uma pesquisa em torno da crítica do começo do século. Ele encontrará todo o material, todas as revistas e os textos e as informações. É possível propor um estudo sobre as revistas, como eu já disse, este é um programa do professor Castelo que eu endosso plenamente e que já está em realização. Alguns pesquisadores já fizeram dissertações de mestrado em torno de revistas a respeito do simbolismo, como a *Nova Cruzada de Rosa Cruz* e revistas do modernismo como *Festa* que já foi inteiramente fichada e analisada e agora já publicada, e *Lanterna Verde*, e há para as grandes revistas do modernismo como o *Klaxon*, como *Terra Roxa e Outras Terras*,

como *Estética*, como a *Revista Nova*, mesmo as revistas de Minas, a *Verde*, a *Revista do Rio Grande do Sul*. Há planos para o estudo sistemático dessas revistas em forma de mestrado, alguns dos quais já foram editados. *Lanterna Verde* acabou de sair; a *Nova Cruzada* acabou de sair também. Nem todas as revistas são de alto valor literário. Convenhamos que algumas delas são revistas de grupos provincianos e interessam mais a uma historiografia literária meticulosa, do que a uma revisão da história da literatura brasileira. Mas para algumas revistas do modernismo, penso em *Klaxon*, penso em *Antropofagia*, a reedição com notas, a apresentação de conteúdo, a situação histórica, eram tarefas essenciais, sem as quais a gente acabaria repetindo o que se sabe, o que os manuais dizem. Acredito que este tipo de pesquisa seja frutuoso, não é o único, também não acho que a gente deva de forma alguma em circunstância alguma forçar o aluno a pesquisar o que quer que seja. A pesquisa só se realiza mesmo quando há um mínimo de paixão. Quando o aluno se apresenta com um gosto pronunciadamente teórico ou então de análise ou interpretação literária, se ele quer estudar as estruturas narrativas de Guimarães Rosa, as estruturas narrativas de Clarice Lispector ou então o estilo de um poeta lírico, ou enfim, qualquer que seja o tema, é preciso orientar, é preciso dar a bibliografia, é preciso encetar este diálogo que é a pós-graduação. Mas muitas vezes o aluno pode render mais inicialmente numa pesquisa do tipo historiográfico, isto é, ele ainda não tem margem cultural para uma reinterpretção de um autor. Neste caso eu acho que um material dessa qualidade à sua disposição, é realmente uma sorte para ele e para a nossa historiografia literária. Apenas mais uma idéia; num instituto assim organizado, isto é, num instituto que conta com especialistas de todas as áreas, é possível planejar alguma coisa que me é muito cara: uma futura pós-graduação que acabe tendo como área de concentração o fato em si mesmo da história cultural brasileira. E acredito que São Paulo poderá ter elementos, no futuro, de ser um centro de pós-graduação não só regional, mas nacional, quem sabe mesmo internacional de cultura brasileira, graças a essas bibliotecas e à estrutura do Instituto.

INTERVENÇÕES

1. Suzana C. Neves: Qual é a sua opinião sobre a elaboração da tese de doutoramento sem que o candidato passe pelo mestrado?

R. — A legislação admite essa possibilidade, mas acho que é mais recomendável começar pelo mestrado, na medida em que esse nível de estudos pós-graduados pode iniciar o candidato numa série de técnicas de pesquisa e análise do material. No caso dos estudos brasileiros, um exemplo de dissertação de mestrado seria o levantamento de uma revista modernista, com a elaboração de uma antologia de seus textos. O doutorado já representa um esforço de interpretação do material, e só com uma cultura mais adulta se pode chegar a ele.

2. Profa. Ângela Vaz Leão: salienta as qualidades do relatório e manifesta sua admiração pelo trabalho realizado pelo relator. Destaca que o plano apresentado pelo Prof. Bosi tem a vantagem de demonstrar que é possível associar a legislação à prática dos cursos.

3. Prof. Wilton Cardoso: secunda as palavras da Profa. Ângela Vaz Leão, enaltece o espírito científico do grupo responsável pelo ensino da Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo, na pessoa do Prof. José Aderaldo Castello, e destaca a única falha do relatório não ser susceptível de levantar objeções.